

Reflexões sobre o Natal

ÍNDICE

1 **A ESSÊNCIA DO PRESENTEAR**
Sibélia Zanon

2 **ADVENTO: PREPARANDO O SOLO PARA O QUE HÁ DE VIR**
Daniela Schmitz Wortmeyer

3 **UM SOPRO DE VIDA NOS RITUAIS**
Sibélia Zanon

4 **NOITE DE CHUVA EM DEZEMBRO**
Daniela Schmitz Wortmeyer

5 **ÁRVORE DE NATAL**
Sibélia Zanon

6 **NOITE SAGRADA**
Daniela Schmitz Wortmeyer

1

**A ESSÊNCIA
DO PRESENTEAR**

Sibélia Zanon

**“Na esfera do presentear,
o que cada um tem para dar?”**

Outro dia escutei no rádio comentários a respeito de uma pesquisa sobre o ato de presentear. A pesquisa constatava que dar presentes gera alegria mais duradoura do que comprar coisas para si próprio. Achei interessante. Presentear abrange certos rituais: pensar sobre o outro, sobre suas características e seus gostos, e mapear as coisas que lhe podem ser úteis e trazer-lhe alegria.

As festas de final de ano parecem vir carregadas de uma certa pressão, tirando por vezes o valor dos rituais ligados ao presentear. No entanto, a vontade de dar algo, alegrando os outros, justamente nesta época do ano parece ter uma raiz significativa. Segundo a escritora Roselis von Sass, já antes do nascimento de Jesus, diversos povos como sumerianos, incas e romanos realizavam suas festividades.

“Também os povos germanos e os que viviam outrora na atual Escandinávia celebravam anualmente, aproximadamente na época natalina de hoje, ‘a festa das doze noites sagradas’, ou também ‘a festa da chegada do amor’.

Os seres humanos desse tempo de outrora diziam que no transcorrer das doze noites sagradas desciam ‘fitas do céu’, cada ano de novo, unindo entre si todas as criaturas visíveis bem como as invisíveis...”

Roselis von Sass, O Livro do Juízo Final



A alegria por poder conviver com as pessoas que se ama, a gratidão pelo fechamento de mais um ciclo e por outro que se abre ou mesmo as fitas que descem do céu unindo a todos refletem a riqueza inspiradora que o mês de dezembro traz consigo.


Na esfera do presentear, o que cada um tem para dar? Além dos mais diversos bens materiais concretos, há os bens mais abstratos, como perdão, compreensão, respeito, bondade, generosidade, amor, harmonia... Há quem diga que o mais importante na esfera do dar não está nos bens materiais, até porque não seria justo que uma pessoa de poucas posses não pudesse ofertar algo.

“A mais importante esfera do dar, no entanto, não é a das coisas materiais, ela está no domínio especificamente humano. O que uma pessoa dá a outra? Dá de si mesma o bem mais precioso que tem, dá sua vida. Isso não significa necessariamente que sacrifique sua vida pelo outro, mas que lhe dá aquilo que está vivo nele; dá sua alegria, seu interesse, sua compreensão, seu conhecimento, seu humor, sua tristeza — todas as expressões e manifestações do que é vivo nele. Nessa dação da sua vida, enriquece o outro elevando seu próprio sentimento de vitalidade. Não dá para receber: a dação é, em si, uma suprema alegria.”

Erich Fromm, A arte de amar

A possibilidade cotidiana de dar carrega consigo a ideia de presença e prontidão. Como ser bom para a vida e para o outro no momento presente? Como desafiar-se a presentear com a própria maneira de ser, ou ainda, transformar-se no presente para o outro? Talvez essa seja uma forma profunda de presentear e, por vezes difícil, porque implica deixar o egoísmo de lado, autodomínio para não machucar o outro, lapidação e polimento constantes da própria personalidade.





Implica ainda reconhecer-se de alguma forma preenchido ou abastecido do que possa ser essencial: valores, cultivo de bons pensamentos, boa administração de expectativas e insatisfações... Afinal, uma pessoa insatisfeita pode não ter muito a dar.

Assim, o presentear passa a ser também um reflexo do sentir-se grato, sentir-se rico pela vida. Quem se sente enriquecido consegue doar desinteressadamente porque a sua riqueza transborda. E torna-se possível também aliviar a pressão das coisas que não importam, como a pseudonecessidade de dar presentes caros ou de atentar para datas que eventualmente foram eleitas pelo comércio e nem tanto pelo coração.

“Com vossa *maneira de ser*, deveis dar ao vosso próximo! Não, por acaso, com dinheiro ou bens. Pois assim os pobres ficariam privados da possibilidade de dar. E nesse modo de ser, nesse ‘dar-se’ no convívio com o próximo, na consideração, no respeito que vós lhe ofereceis espontaneamente, está o ‘amar’ de que nos fala Jesus, está também o auxílio que prestais ao vosso próximo, porque nisso ele se torna capaz de modificar-se por si mesmo ou prosseguir em direção ao alto, porque nisso ele pode fortalecer-se.”

Abdruschin, Na Luz da Verdade



2

ADVENTO: PREPARANDO O SOLO PARA O QUE HÁ DE VIR

Daniela Schmitz Wortmeyer

“O Advento é um tempo de expectativa, em que o turbilhão interno busca se aquietar, preparando-se para o que há de vir.”



O termo “advento” tem como origem a palavra latina *adventus*, que significa “chegada, vinda”, do verbo *advenire*, “chegar, vir para perto”. Seu sentido se relaciona ao aparecimento ou chegada de algo ou alguém e também ao que se começa ou institui. É bastante sugestivo que, nas religiões cristãs, o período denominado Advento, que corresponde às quatro semanas que antecedem o Natal, seja o marco do início do ano litúrgico.

O Advento é um tempo de expectativa, em que o turbilhão interno busca aquietar-se, preparando-se para o que há de vir. Na visão do monge beneditino Anselm Grün, trata-se de um exercício de esperança:

“Nesse período, devemos entrar em contato com aquilo que o nosso coração anela. É bem consciente que vivemos o Advento como a fase do esperar. Sem esperança, o ser humano fica enfraquecido. Quem não sabe mais ter esperança não sabe tampouco entender o mistério do tempo, o qual é sempre promessa do eterno.”

Rituais, por vezes, contribuem para uma atmosfera favorável à interiorização e busca de conexão com o eu mais profundo. Por exemplo, algumas pessoas ainda cultivam a tradição de, nos quatro domingos antes do Natal, realizarem uma leitura ou reflexão especial, como forma de silenciar a





mente e abrir espaço para a experiência do sagrado. Há um simbolismo relacionado à chamada coroa ou grinalda de Advento, cujas quatro velas são acesas progressivamente, começando com uma única vela no primeiro domingo, à qual mais uma vai sendo acrescida a cada domingo subsequente, e culminando com todas as velas acesas no último dia. Assim como a luz se amplia externamente, os corações das pessoas que participam intimamente do ritual se iluminam e se aquecem, em crescente expectativa pela chegada de algo que preencha suas almas.

“Quem dentre os fiéis, aliás, já pressentiu a grandeza de Deus, que se patenteia no acontecimento, ocorrido serenamente

naquela Noite Sagrada, através do nascimento do Filho de Deus. Quem presente a graça que com isso foi outorgada à Terra, como um presente!” — pondera o escritor Abdruschin.

Preparar-se para vivenciar profundamente o Natal, para além das exterioridades e convenções sociais, pode abrir caminho para uma nova conexão com a existência, para receber forças renovadas provenientes da Fonte da própria Vida. À sua maneira, cada pessoa pode aproveitar esse impulso para cultivar um espaço muito pessoal, sagrado, de interiorização — o qual, como o ventre da terra, abriga e nutre em silêncio as novas sementes que hão de nascer.



3

UM SOPRO DE VIDA NOS RITUAIS

Sibélia Zanon

“Penso que os rituais têm importância na medida em que simbolizam a sede interior de sorver um líquido ou uma essência pura da vida.”



Desde que me lembro de mim, em cada dia de aniversário, uma das primeiras coisas que via era minha mãe me desejando um feliz renascimento em frente a uma vela acesa. Mais do que uma vela, aquele ritual abrigava o agradecimento por mais um ano, simbolizava um brinde pela vida. E lembrava-me da chance que foi ter nascido e como, mais uma vez, mais um ano havia sido experimentado e um novo capítulo da minha história poderia ser construído dentro de possibilidades e potencialidades ainda a descobrir.

Um ano novo se abria como uma caixa de surpresas, uma caixa de incógnitas, uma caixa de oportunidades... um combinado de desafios. Hoje não moro mais com meus pais, mas nos meus aniversários continua existindo uma vela acesa na minha casa, como uma chama de prece para que eu possa me irmanar com o sentido de uma vida bem usufruída.

Imagino que cada um tem em sua história um ou outro ritual que, vez por outra, é alimentado ou guardado com calor em um espaço afetivo da memória. Penso que os rituais têm importância na medida em que simbolizam a sede interior de sorver um líquido ou uma essência pura da vida. Servem para dar vazão ao que pulsa no interior de cada um e não pode ficar retido lá dentro, precisando ganhar uma expressão física, transformar-se em algo que se possa ver, fazer, pegar e são, por isso, materializados por meio de um ímpeto grande que impulsiona de dentro para



fora. Assim, poderia, por exemplo, ser acesa uma vela numa árvore de Natal, como expressão de algo grande que se sente interiormente.

Tradições, rituais e até mesmo certos ritos de passagem parecem ganhar força ao final de cada ano. Contudo, na medida em que são, muitas vezes, esvaziados de suas verdades simbólicas e passam a ser ações mecânicas ou meras obrigações, o valor de cada ritual torna-se questionável porque o que não tem verdade carece daquela força do impulso interior, carece da força da semente e é, por isso, um broto murcho, uma vela que não consegue se manter acesa, suscetível à sutileza de uma frágil corrente de ar.

Mais do que mesas fartas ou presentes, penso que a beleza do final do ano estaria no resgate da autenticidade de cada ação, trazendo a todo e qualquer ritual o valor que possa preenchê-lo de vida. Assim, seriam renovados o Natal e o Ano-Novo, não com a euforia dos maiores fogos de artifício, mas com a força do querer interior, pulsando na sintonia do rito de passagem, na sintonia de uma nova oportunidade, na sintonia de uma história que não vai mudar completamente por conta do calendário, mas poderá ter alterações pela força de cada ação.



4

**NOITE
DE CHUVA EM
DEZEMBRO**

Daniela Schmitz Wortmeyer

**“Como uma noite com chuva
batendo na janela, que lava feridas e
inspira a reflexão: um presente descendo
do Céu...”**

Nessa noite chuvosa de dezembro, a energia elétrica parece querer falhar. Ouço os trovões cada vez mais perto e observo os clarões pela janela, que brincam de se mostrar entre as folhas das árvores. A água cai benfazeja, purificando, regando, lavando a alma e trazendo inspiração.

O mês de dezembro sempre se revestiu de um encanto especial, desde minha infância, mas hoje os sentimentos parecem tão nostálgicos, tão diferentes... Um amigo me disse que essa é a época da melancolia na cidade, que é preciso tomar cuidado com os ânimos depressivos. Interessante notar como coexistem movimentos aparentemente tão ambíguos: a agitação das festas de fim de ano, a correria dos preparativos e finalizações, a expectativa de férias, diversão, comidas, bebidas e encontros e, por outro lado, uma teimosa sensação de isolamento, de ausência de sentido, de vazio.

Veza por outra tenho percebido essa conotação melancólica nas pessoas e em mim mesma. Parece haver uma dificuldade geral de se encantar com a vida, de sentir espontânea alegria — como era natural na infância. E o Natal vem trazer essa constatação com maior intensidade.

O que será que perdemos ao ingressar no “mundo adulto”? Nesse mundo tão cheio de compromissos e obrigações, tão preocupado com *status* e realizações materiais, que pouco ou nenhum espaço deixa para o lúdico, para a fruição desinteressada das alegrias da vida?

Ao rever o filme *Um Bom Ano*, chamou-me a atenção a fala de um personagem sobre seu sobrinho-neto, que havia mudado drasticamente sua maneira de ser depois que cresceu e se tornou um acionista da bolsa de valores. O tio-avô, um *bon vivant* que morava em um *chateau*, antiga propriedade vinícola no interior da França, teria dito: “Como se pode confiar num



homem que não sabe apreciar os prazeres da vida?”. De fato, o sobrinho-neto sequer se permitia tirar férias, para não se arriscar a ficar para trás na frenética corrida de seu ambiente de trabalho, e calculava o valor das coisas (e das pessoas) exclusivamente com cifras.

Os prazeres da vida... As palavras desse personagem me transmitiram algo para além de uma postura hedonista, pois nelas havia encantamento diante da beleza de uma canção, da luz de um pôr do sol, do usufruto do aroma de um bom vinho, da demora no afago do olhar da pessoa amada... Um sentimento de gratidão pelas pequenas dádivas de cada dia. Ficava evidente que aquele que só se ocupava com sua sobrecarregada rotina, em busca de sucesso e dinheiro, não tinha olhos para o real valor de uma velha propriedade que transpirava poesia.

O acionista da bolsa herda o *chateau* de seu tio-avô, onde passava as férias de sua infância, e — como era de se esperar — tenta logo

convertê-lo em cifras. Mas, involuntariamente, acaba perdendo o controle da situação e mergulha em recordações, redescobrando a si mesmo e redefinindo seu olhar sobre a vida.

Como fez inicialmente o sobrinho-neto, protagonista do filme, a maioria de nós procura fugir o mais rápido possível desses momentos de nostalgia, sem imaginar que justamente ali poderiam ser encontradas pistas para resgatar a felicidade perdida...

“Aquilo que na Terra se chama infantil é um ramo da atuação da pureza! Pureza no sentido mais elevado, e não apenas no sentido humano-terrenal. O ser humano que vive na irradiação da pureza divina, que concede lugar para a irradiação da pureza dentro de si, adquiriu com isso também o infantil, seja ainda na idade da infância ou já como adulto”, esclarece Abdruschin.





É uma verdadeira bênção encontrar alguém que conserva um brilho infantil no olhar, que ainda possui a capacidade de rir e se conduzir com leveza diante das vicissitudes do dia a dia, que mostra encanto diante de uma planta ou de um animal, que se alegra diante de um prato saboroso, uma música bonita ou um simples passeio no parque. Alguém que consegue enxergar as pessoas além das aparências, possuindo genuína predisposição para o bem, cujo natural semblante é transparente, franco e generoso. Um coração puro, na

expressão do saber popular. Mas a maioria só se permite gastar tempo com “coisas sérias”, que sejam úteis e tragam vantagens palpáveis, carregando um pesado fardo a cada palmo do caminho. Como máquinas programadas para cumprir estritamente suas funções sociais, sem espaço para a alegria, a criatividade, o sonho, a reflexão... Assim, esquecemos completamente que o alimento da alma é imaterial. E depois consideramos estranho e até inexplicável quando, aqui e acolá, desponta um vazio interior.



Quem sabe possamos aprender algo sobre a solução dos problemas da vida com as crianças, em vez de perder horas de sono cismando, como comumente fazem os adultos. Quem sabe este Natal seja uma oportunidade para resgatar um pouco do encanto perdido. Não com devaneios sobre a festa (ou a vida) ideal, mas cultivando uma serena abertura para o “clima” dessa época especial, vivenciando-a com gratidão. Como uma noite com chuva batendo na janela, que lava feridas e inspira a reflexão: um presente descendo do Céu...

“Quem não tiver absorvido, dentro de si, a irradiação da pureza, a esse nunca poderá chegar a irradiação do amor de Deus!”

“Lembrai-vos sempre disso e dai a vós próprios, como presente de Natal, o firme propósito de abrir-vos para a pureza, a fim de que (...) a irradiação do amor possa penetrar em vós pelo caminho da pureza!”

Abdruschin, Na Luz da Verdade



unsplash.com



5

**ÁRVORE
DE NATAL**

Sibélia Zanon

**“A simbologia da árvore,
de modo geral, é ampla e abrange
aspectos muito profundos.”**

A árvore de Natal é uma tradição que ganha vida em muitas casas, a cada ano. “A árvore de Natal com as velas acesas surgiu somente por volta do ano 1.600 na Alemanha. Utilizavam-se pequenos buxos em cujas pontas se colocavam velas. As pequenas árvores de buxos, enfeitadas apenas com velas, significavam simbolicamente que em uma Noite Sagrada viera a Luz para a Terra... Mais tarde se utilizaram de árvores maiores, tipo pinheiro, com a mesma finalidade. Contudo, durante longo tempo, as velas continuaram como único enfeite das ‘árvores de Natal’”, conta Roselis von Sass, em sua narrativa sobre costumes natalinos de tempos passados, em *O Livro do Juízo Final*.

A simbologia da árvore, de modo geral, é ampla e abrange aspectos muito profundos. “Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu”, relatam Jean Chevalier e Alain Gheerbrant no *Dicionário de Símbolos*.

Contudo, nos dias de hoje, poucos são aqueles que pensam no céu ao enfeitar a árvore de Natal. Os pensamentos ligados às obrigações e distrações terrenas e a tudo o que é material, incluindo aí as “obrigações natalinas”, parecem proliferar com mais força do que os pensamentos que nos conectam ao céu.

Assim, a pouca valorização do real significado do Natal reflete em muitos que se reúnem em volta da



árvore. Que brilhos será que envolvem as pessoas nesse dia? Brilhos passageiros e ilusórios, feito um sopro de purpurina, ou brilhos verdadeiros como o da estrela de Belém, que calou fundo nos corações dos que puderam observá-la naqueles dias?

Foi pensando sobre isso e observando a ansiedade das crianças da casa pelos presentes embaixo da árvore que uma mãe decidiu repensar o Natal da sua casa. Ela resolveu que, em vez de ganhar presentes, cada integrante da família iria pensar nos presentes que haviam ganhado ao longo do ano. Não necessariamente presentes materiais, mas presentes da vida. E assim, em vez de bolas brilhantes, cada um passou a pendurar fitas na árvore com palavras ou frases que simbolizavam as coisas boas que haviam vivenciado naquele ano. A árvore de presentes se transformou numa árvore de gratidão.

Cada árvore tem um visual, pode ser enfeitada com as bolas brilhantes, pode ser enfeitada com as fitas de gratidão, pode também ser a jabuticabeira do terraço que ganha um brilho especial. Ou ainda pode ser uma árvore erguida e cultivada no interior de cada pessoa que pensa no céu. Importante é como cada um adorna a sua árvore: com brilhos de pouco peso, tagarelados pelo comércio e soprados feito purpurina pela publicidade ou com o brilho de um acontecimento ímpar, de enorme importância. Para sentir o Natal faz todo sentido deixar de lado parte dos brilhos terrenos e pensar na conexão com o céu.



6

**NOITE
SAGRADA**

Daniela Schmitz Wortmeyer

**“Uma estrela,
um caminho, uma esperança,
um recém-nascido. Na quietude de um
estábulo, uma noite sagrada.”**

Uma estrela, um caminho, uma esperança, um recém-nascido. Na quietude de um estábulo, uma noite sagrada. Dois mil anos se passaram, muito na Terra se transformou — e esse quadro continua vivo em nossos corações.

Porém, o burburinho do consumo ameaça abafar esses longínquos pensamentos. Muitas pessoas vivenciam intenso estresse na época de final de ano, sob a pressão de resolver inúmeras pendências no curto prazo até o Natal. Há um apelo onipresente para a “festa de Natal ideal” em todos os lares: não por acaso, exatamente nos moldes dos comerciais de televisão. Papais Noéis exageradamente obesos e vermelhos lembram a todos

da obrigação de comprar vultosos presentes para toda a família, de consumir todos os produtos dos patrocinadores para uma ceia fantástica, de ornar a casa com todas as luzes e enfeites possíveis, de providenciar roupas novas para participar da alardeada celebração...

Mas, após os excessos de comida e bebida, as manifestações obrigatórias de fraternidade e a distribuição automática de presentes, frequentemente fica um vazio, às vezes uma ponta de tristeza ou nostalgia, deixando no ar uma pergunta: afinal, qual é o sentido dessa comemoração?

“Como é estranho, pois, que cada ser humano, que deseja que a festa de Natal atue de



maneira excepcionalmente certa sobre ele, procure se transportar para a infância!”, observa o escritor Abdruschin. “Isto é, pois, um sinal suficientemente nítido *de que ele nem é capaz de vivenciar, como adulto, a festa de Natal com a intuição! É a prova de que perdeu alguma coisa que possuía quando criança!*”

Recordo-me do quanto era esperado o Natal na minha infância. Ao chegar o mês de dezembro, era nítido que havia algo diferente no ar. Havia, sim, a expectativa dos presentes, mas a alegria da época ia muito além disso. Um momento marcante era a noite de Natal na casa dos avós maternos. Lá se enfeitava um pinheiro com bolas de vidro, velas ou imagens de anjos e em sua base ficava, como que protegido pela grande árvore, um presépio. Na réplica de um estábulo rústico eram acomodadas estatuetas de Maria e José, com um anjo ao fundo e um berço vazio entre eles. Sobre o estábulo havia uma estrela com cauda e, nos arredores, diversas figuras: pastores, reis magos, animais. Podíamos transitar na sala onde ficava o “pinheirinho” nos dias anteriores à data, vendo aquele pequeno berço à espera de um ocupante, mas, na véspera de Natal, a entrada era proibida. Somente depois da ceia, as crianças faziam fila no corredor em penumbra, diante da sala fechada, seguidas pelos adultos. Então, finalmente, abria-se a porta para o ápice da festa: entrávamos solenemente no

recinto escuro, iluminado apenas pela luz detrás da estrela-guia, uma pequena lâmpada dentro do estábulo e as singelas velas da árvore. Todos se postavam em silêncio em volta daquela cena: era comovente olhar a esperada figura do Menino Jesus na manjedoura. Faziam-se orações e cantava-se Noite Feliz. Ali, para além das palavras proferidas, eu percebia uma atitude de agradecimento solene, algo temeroso, pelo envio da Luz à Terra com o nascimento daquela criança.

Naquele tempo, nas casas e igrejas de diversas cidades do interior, a grande atração eram os presépios. Eles não tinham tantas cores e brilhos como as peças decorativas atuais — também não vinham com tudo pronto...



Ao montá-los, criava-se uma ambientação para as personagens — figuras simples feitas geralmente de cerâmica —, preparando-se um cenário com estábulo, manjedoura, caminhos e outros detalhes da paisagem. Isso era feito com engenhosidade e elementos da natureza. Alguns colhiam musgo no alto de cachoeiras para confeccionar uma espécie de pradaria, como ocorria na casa dos meus avós paternos — eu sempre ficava admirada com a façanha e com o bonito resultado. Usava-se também areia, serragem, bromélias, pedras, sementes, até riosinhos com pontes eram montados (por vezes com espelhos embutidos na composição para imitar águas cristalinas), revelando o zelo e a dedicação dos responsáveis. As crianças cresciam vendo o cuidado e a reverência nessa preparação, procurando euforicamente ajudar no que podiam.

Em alguns lares, perpetuava-se o ritual em torno da Coroa de Advento, uma tradição trazida pelos imigrantes alemães. A Coroa consiste em um arranjo de mesa composto de quatro velas, posicionadas comumente como se nas pontas de uma cruz isósceles, circundadas por adornos variados. No primeiro domingo do mês de dezembro, acende-se uma das velas durante um momento solene de reflexão, que pode envolver a leitura de um texto ou uma oração. No segundo domingo, são acesas duas velas no mesmo contexto, e assim sucessivamente até o Natal, quando então a cruz encontra-se acesa completamente. Trata-se de





um ritual de preparação para o Natal, que convida os participantes a se conectarem com o sentido espiritual da data.

Em *O Livro do Juízo Final*, Roselis von Sass aborda os costumes natalinos de diversos povos antigos, revelando que, já muito antes de Cristo, esse período do ano era festejado. As festividades de povos tão distantes como sumerianos e incas relacionavam-se ao Sol, cuja luz era interpretada como um reflexo do Amor do Criador. Os sumerianos costumavam presentear-se com rosas nesse período, que também eram plantadas em torno de seus Templos do Sol. Os povos germanos celebravam a Festa das Doze Noites Sagradas, acreditando que, nessa época, dava-se a renovação dos fios de Amor que uniam todas as criaturas. O fogo ardia continuamente nesses dias festivos, em lareiras e fogueiras, simbolizando o calor do Amor e iluminando os caminhos. Em todas essas celebrações, “A alegria, a afirmação positiva da vida e o saber do Divino Amor Universal reinando sobre todos os mundos, elevavam-se qual orações de agradecimento para a Luz”, relata a escritora.

Muito se perdeu em forma e conteúdo dessas tradições e, nos dias atuais, a celebração do Natal frequentemente é esvaziada de qualquer significado espiritual. Embora haja uma profusão de enfeites e luzes artificiais por todos os lugares, parece faltar algo essencial, conduzindo até as crianças a um olhar cada vez mais materialista. “Nas árvores de Natal



excessivamente enfeitadas de hoje, já nada mais indica que numa noite se acendera uma Luz na Terra pelo nascimento de Jesus”, opina Roselis von Sass.

Quem sabe a singeleza dos antigos Natais guarde um ensinamento a todos nós. Pois a magia e a alegria do Natal não dependem dos objetos que se pode adquirir, tampouco da sofisticação das iguarias em uma mesa, da quantidade de pessoas reunidas ou de qualquer outro aspecto exterior.

A imagem do nascimento de um Messias marcado pela passagem de um cometa, a estrela-guia, porta uma mensagem que fala ao eu mais profundo do ser humano, chamando à introspecção. A ideia

de um Amor Universal que a tudo abraça e conduz ao desenvolvimento, fornecendo luz e calor como uma grande estrela na escuridão, aquece os corações e inspira a procura de conexão com o sagrado.

Podemos ser mais criativos do que sugerem as convenções sociais e construir um sentido pessoal, verdadeiro, para o Natal. Como uma pequena vela que se acende, cada um ao seu modo pode tornar essa época especial, abrindo-se para celebrar a Vida e receber as irradiações do Amor. Então haverá novamente noites sagradas, repletas de presentes preciosos como verdade, esperança, amor e confiança, enlaçados pelo sincero agradecimento ao Criador.



